

# O HOMEM-ÁRVORE\*

(Carta a Pierre Loeb)

Antonin Artaud

O tempo em que o homem era uma árvore sem órgãos nem função,

mas de vontade

e árvore de vontade que anda,

voltará.

Existiu, e voltará.

Porque a grande mentira foi fazer do homem um organismo,

ingestão, assimilação,

incubação, excreção,

o que existia criou toda uma ordem de funções latentes e que escapam

ao domínio da vontade decisora,

a vontade que em cada instante decide de si;

porque assim era a árvore humana que anda,

uma vontade que decide a cada instante de si,

sem funções ocultas, subjacentes, que o inconsciente rege.

Do que somos e queremos na verdade pouco resta,

um pó ínfimo sobrenada, e o resto, Pierre Loeb, o que é?

Um organismo de engolir, pesado na sua carne,

e que defeca e em cujo campo,

como um irisado distante,

um arco-íris de reconciliação com deus,

sobrenadam,

nadam os átomos perdidos,  
as idéias, acidentes e acasos no total de um corpo inteiro.

Quem foi Baudelaire?

Quem foram Edgar Poe, Nietzsche, Gérard de Nerval?

Corpos que comeram, digeriram, dormiram,

ressonaram uma vez por noite,

cagaram entre 25 e 30 000 vezes,

e em face de 30 ou 40 000 refeições,

40 mil sonos, 40 mil roncos,

40 mil bocas acres e azedas ao despertar,

tem cada qual de apresentar 50 poemas,

o que realmente não é de mais,

e o equilíbrio entre a produção mágica e a produção automática

está muito longe de ser mantido,

está todo ele desfeito,

mas a realidade humana, Pierre Loeb, não é isto.

Nós somos os 50 poemas,

o resto não somos nós,

mas o nada que nos veste, se ri, para começar, de nós.

Um organismo de engolir vive de nós a seguir.

Ora, este nada nada é,

não é qualquer coisa mas alguns.

Quero dizer alguns homens.

Animais sem vontade nem pensamento próprio,

ou seja, sem dor própria,

que em si não aceitam vontade de uma dor própria

e para forma de viver mais não encontraram que falsificar a humanidade.

E da árvore-corpo, mas vontade pura que éramos,  
fizeram este alambique de merda,  
esta barrica de destilação fecal,  
causa de peste e de todas as doenças  
e deste lado de híbrida fraqueza,  
de tara congênita, que caracteriza o homem nato.

Um dia o homem era virulento,  
só era nervos elétricos,  
chamas de um fósforo perpetuamente aceso,  
mas isto passou à fábula porque os animais lá nasceram,  
os animais, essas deficiências de um magnetismo inato,  
essa cova de oco entre dois foles de força  
que não eram, eram nada e passaram a ser qualquer coisa,

e a vida mágica do homem caiu,  
caiu do seu rochedo com ímã  
e a inspiração que era o fundo  
passou a ser o acaso, o acidente, a raridade, a excelência,

talvez excelência  
mas à frente de um tal acervo de horrores,  
que mais valia nunca ter nascido.

Não era o estado de paraíso,  
era o estado-manobra, - operário,  
o trabalho sem rebarbas, sem perdas,  
numa indescritível raridade.

Mas esse estado por que não continuou?

Pelas razões que levam o organismo de animal,  
que foi feito para e por animais  
e desde há séculos lhe aconteceu, a explodir.

Exatamente pelas mesmas razões.

Mais fatais umas do que outras.

Mais fatal a explosão do organismo dos animais  
que a do trabalho único  
no esforço dessa vontade única  
e muito impossível de encontrar.

Porque realmente o homem-árvore,  
o homem sem função nem órgãos que lhe justifiquem a humanidade,  
esse homem prosseguiu sob a capa do ilusório do outro,  
a capa ilusória do outro,  
prosseguiu na sua vontade mas oculta,  
sem compromissos nem contacto com o outro.

E quem caiu foi quem quis cercá-lo e imitá-lo  
mas logo depois com muita força,  
estilo bomba,  
irá revelar a sua inanidade.

Porque devia criar-se um crivo  
entre o primeiro dos homens-árvores  
e os outros,  
mas aos outros foi preciso o tempo,  
séculos de tempo  
para os homens que tinham começado  
ganharem o seu corpo

como aquele que não começou  
e não parou de ganhar o seu corpo mas no vazio,  
e não havia lá ninguém,  
e lá não havia começo.

E então?

Então.

Então as deficiências nasceram  
entre o homem e o labor árido que era bloquear também o nada.

Em breve esse trabalho será concluído.

E a carapaça terá de ceder.

A carapaça do mundo presente.

Levantada sobre as mutilações digestivas  
de um corpo esquartelado em dez mil guerras  
e pela dor, e a doença, e a miséria,  
e a penúria de gêneros, objetos e substâncias de primeira necessidade.

Os que sustentam a ordem do lucro  
das instituições sociais e burguesas,  
que nunca trabalharam  
mas grão a grão amealharam o bem roubado  
desde há bilhões de anos  
e conservado em certas cavernas de forças  
defendidas pela humanidade inteira,  
com algumas tantas exceções  
vão ver-se obrigados a gastar as energias  
nessa coisa que é combater,  
vão lá poder deixar de combater,

pois no fim da guerra e esta agora, apocalíptica,  
que há-de vir,  
está a sua cremação eterna.

Por isto mesmo eu julgo  
que o conflito entre a América e a Rússia,  
reforçado ele seja a bombas atômicas,  
pouco vai ser  
ao lado e em face do outro conflito  
que vai repentinamente estalar  
entre quem preserva uma digestiva humanidade, por um lado,  
e por outro o homem de vontade pura  
e os seus muito raros aderentes e sequazes mas com a sempiterna força por si.

\*ARTAUD, Antonin. *Eu, Antonin Artaud*. Lisboa: Hiena Editora, 1988, p. 105-110.